

JUVENTUDE CIBERNATIVA E AS NOVAS RELAÇÕES COM O ENSINO E A APRENDIZAGEM¹.

Patrícia Marcondes de Barros²

(UNESPAR-Paranaguá)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar o processo de ensino e aprendizagem no contexto da cibercultura, formadora de uma nova subjetividade coadunada a pós-modernidade, expressa pela juventude contemporânea. A juventude atrelada à cultura digital apresenta expectativas e saberes diferenciados das gerações anteriores em relação ao processo educacional. Para a realização do presente estudo, de cunho qualitativo, serão estabelecidas interlocuções com a psicologia, a comunicação, a sociologia e a história, a exemplo, perscrutando as novas relações educacionais frente ao horizonte de possibilidades do devir. Tratamos aqui, de repensar o processo ensino-aprendizagem sob a égide das mudanças paradigmáticas postuladas pela cibercultura, conferindo novos sentidos, reconfigurando espaços e, também, reagindo à liquidez da pós-modernidade em prol de uma educação não apenas consonante às tecnologias, mas também humanista e aberta à complexidade e diversidade dos “meios e mensagens” que a contemporaneidade nos traz.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-Aprendizagem. Juventude. Cibercultura. Pós-Modernidade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar de forma geral o processo de ensino e aprendizagem no contexto da cibercultura, formadora de uma nova subjetividade relacionada à pós-modernidade, expressa pelas novas gerações as quais conceituamos como cibernativos³.

¹ Projeto de pesquisa em fase inicial, desenvolvido na Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR-Paranaguá (em regime de TIDE/2016-2017), no Departamento de História.

² Profa. Adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranaguá). Doutora em História Cultural pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis). patriciamarcondesdebarros@gmail.com

³ Refiro-me àqueles que são “conectados” desde a infância e que já tem naturalizadas suas relações com a cultura digital.

Tomamos como mote do trabalho especificamente a juventude, cuja subjetividade modulada pelas novas tecnologias de informação e comunicação, apresentam expectativas e saberes novos ao processo educacional, o que leva muitas vezes ao conflito entre tempos/espços de diferentes mundos: a do professor que construiu seu conhecimento na modernidade e a do aluno, na pós-modernidade.

Para discutirmos sobre o assunto, inicialmente apresentaremos alguns pressupostos acerca do conceito de pós-modernidade e cibercultura que se entrelaçam no entendimento da contemporaneidade e que reverberam em todas as esferas: sociais, políticas, econômicas e culturais trazendo consequentemente transformações no âmbito educacional. Posteriormente, analisaremos de forma geral sobre a juventude cibernativa e os novos processos de ensino e aprendizagem neste devir.

1. Pós-modernidade & cibercultura: “os meios como mensagem”

Desde os anos 60 e 70 do século XX, observam-se mudanças culturais atreladas aos meios comunicacionais, estudadas por grandes pesquisadores das mais diversas áreas de saber, a exemplo de Marshall McLuhan, filósofo e teórico da comunicação, que postulou a ideia de que a interdependência eletrônica recriaria o mundo numa aldeia global resultando no neotribalismo, erigindo assim, uma nova cultura.

Seus aforismos como “o meio é a mensagem”, “os meios como extensões do homem” e “O homem cria a ferramenta. A ferramenta recria o homem”, permanecem atuais na análise do mundo contemporâneo com suas múltiplas conexões, dotado da dimensão de universalidade (e assim sendo, “extenso, interconectado e interativo”) e, portanto, menos totalizável (LÉVY, 1999: p.120) e de difícil apreensão.

McLuhan aponta para uma sensibilidade na qual o meio traz consequências sociais e pessoais resultantes do estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia, que é a extensão de nós mesmos. A máquina, por exemplo, independente do tipo de produção que faz, constitui a mensagem e transforma as relações. O autor pretende assim postular que o meio, geralmente pensado como um simples canal de passagem do conteúdo comunicativo, é um elemento determinante da própria comunicação: “o meio é a mensagem” (MACLUHAN, 2006).

A ideia postulada por Macluhan de “aldeia global”, de “ser planetário” relaciona-se aos movimentos de contracultura dos anos 60, que junto à instantaneidade dos meios comunicacionais eletrônicos, construiu uma subjetividade diferenciada, denominada por muitos como pós-moderna e que foi a gênese da cibercultura que eclodiu em 1989 (BOLESINA; GERVASONI, 2015: 08).

(...) A cibercultura deita sua origem na “contracultura” norte-americana das décadas de 1960 e 1970, e deve muito aos pioneiros do Vale do Silício. Em evidente reação contrária à organização moderna, linear e hierarquizada que o governo e a “sociedade conformista” adotavam, os membros das comunidades “alternativas” intentaram deter em suas mãos as questões técnicas das tecnociências, a fim de efetivar o ansiado “faça você mesmo”, uma efetiva autonomia em prol da autenticidade individual. Efetivamente, a revolução cultural (e) digital contemporânea não foi mera casualidade da inovação tecnológica. Por trás dela havia uma espécie de ideologia (recheada de princípios e valores). Movidos por essas aspirações e ideologia, na década de 1970, muitos programadores dedicaram-se à microinformática pessoal e já na década de 1980 ganharão vida as primeiras comunidades virtuais (como a lendária “The Well”) em rede que, em seus debates, edificaram os símbolos “do novo mundo”. Dentre estes símbolos estarão as ideias de liberdade(s), simultaneidade, fluidez, adaptabilidade, experimentação, empoderamento e desenvolvimento pessoal, revisão das lógicas rígidas de tempo e espaço, crítica as estruturas e promessas não-cumpridas da modernidade. Em curtas linhas, a cibercultura asseverava e dialogava sinergicamente com a pós-modernidade (BOLESINA; GERVASONI, 2015: 07).

Sobre o conceito de pós-modernidade, não há consenso entre os estudiosos e ainda hoje suscita grandes embates em relação aos seus significados. Um dos primeiros estudiosos a conceituar a pós-modernidade foi o sociólogo Daniel Bell (2008) pautando-se nas mudanças ocorridas na vida socioeconômica, que se associam ou derivam de alterações nas formas produtivas, em função de inovações tecnológicas que levaram ao desenvolvimento de uma sociedade da informação.

Para o sociólogo e filósofo Baudrillard (1985), a pós-modernidade representa o fim da modernidade, dominada pelo capitalismo industrial. Há neste autor, a preocupação com a influência da mídia e com a reprodução da totalidade social (e não apenas sua produção). As novas formas de tecnologia, cultura e sociedade propiciam simulações e hiper-realidades⁴ com a implosão de todas as fronteiras e distinções entre alta e baixa cultura, aparência e realidade, entre outras dualidades. Tal processo tem como eixo aquilo que Francis Fukuyama

⁴ O conceito de hiper-realidade foi postulado pelo sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard na obra “Simulacros e Simulação” (1981). De forma geral, Baudrillard afirma que o que se vê é apenas um esboço representativo do real. Ou seja, o que é atualmente apresentado como verdade é apenas uma simulação de algo.

denominou em sua obra “Fim da História e o Último Homem”(1992), como o último estágio do avanço econômico, em que a sociedade tecnológica supriria toda as necessidades humanas e neste estágio, ocorreria a desconstrução do desenvolvimento dos princípios e das instituições básicas, fundamentando a implosão das fronteiras e dimensões ou aspectos da vida social.

Lyotard (1993) conceitua a pós-modernidade como uma forma diferenciada de se lidar com os pressupostos da modernidade, assinalando neste contexto a crise das narrativas e a necessidade de se criar uma nova epistemologia do conhecimento. Segundo ele, não existe uma razão e uma história, mas sim, várias. Conceitua o moderno e o pós-moderno à luz da concepção da lógica cultural dominante, sendo o pós-moderno percebido como um campo de forças. Ao examinar os modos de produção do saber, em uma possível pós-modernidade, afirma ter-se atualizado o modelo teórico da sociedade – no projeto moderno representado como um “organismo” (um todo orgânico) – para, na pós-modernidade, ser representado pelo modelo da máquina (um sistema autor-regulável). Isso nos leva a pensar que a concepção do sujeito, no modelo social moderno, interpreta o ser humano como um organismo, que precisa da educação para desenvolver suas qualidades tidas como inatas; e que, no modelo da máquina, o corpo e o psiquismo humano são tratados como partes de uma engrenagem em que o ato de educar, por exemplo, se transforma em treinamento de capacidades para o desempenho no trabalho (MENDES ANDRÉ, 2008).

O desafio pós-moderno não só constitui um corpo diferente de crítica cultural, mas deve também ser visto como “um discurso contextual que tem desafiado os limites disciplinares específicos em campos, tais como os estudos literários, a educação, a arquitetura, o feminismo, a arte, a sociologia e muitas outras áreas”(GIROUX,1996). A sensação de impotência do indivíduo frente a um processo histórico rápido (em consonância com os meios tecnológicos que geram novas subjetividades mutantes) e incompreensível (tendo em vista o mundo fragmentado e descentralizado) tornou-se notória. Surge um novo mundo, com argumentos relacionados à tecnociência e às Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs).

Tal revolução científica e tecnológica transformou a cultura que permeou as instâncias sociais e pessoais, e conseqüentemente, a esfera educacional e suas respectivas instituições.

É no universo educacional, o *locus* de grande visibilidade das mudanças sociais e culturais, tendo em vista a construção das identidades e apreensão da alteridade cultural

através dos processos de aprendizagem e socialização. Com a pós-modernidade este universo passa por ressignificações e buscam metodologias que se integrem às novas tecnologias da informação, a interdisciplinariedade - entendida como os saberes comuns a uma ou mais matrizes de conhecimento-, e principalmente, a Antropologia, esfera privilegiada que aborda a cultura como dimensão fundadora da sociedade e permite o entendimento da alteridade, importante valor de reconhecimento das diversas culturas que permeiam o ambiente escolar. A complexidade e diversidade cultural observada reflete o espaço sem fronteiras, desterritorializado da cibercultura.

A cibercultura representa um conjunto de técnicas, modos de pensamento e valores que se instituíram no ciberespaço (LÈVY,1999) que especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Pode ser entendido como a união de redes e recursos de comunicação formada pela interconexão global dos computadores pelo qual passou a ser possível o acesso à distância aos recursos de um computador, a exemplo da troca de arquivos digitais de forma simplificada, o envio de mensagens de forma síncrona ou assíncrona, conferências eletrônicas em tempo real e transmissão de vídeo/som, entre horizonte de outras possibilidades. O conjunto dessas novas práticas, suportadas pelas tecnologias digitais e que foram apropriadas pela sociedade contemporânea transformaram os saberes e as práticas educacionais.

Vale ressaltar que tais transformações culturais se dão não somente com o aparato tecnológico, mas principalmente pelos tipos de signos que circulam nesses novos meios engendrando mensagens e processos de comunicação (SANTAELLA, 2003:24).

Com o advento da cultura digital e sua universalização, as interações sociais e a produção de conhecimento são amplamente transformadas através da virtualidade. Em relação a este conceito, Lèvy (1999) a distingue como o “real desterritorializado”, visto que não se apresenta de forma linear/contínua, sem as coordenadas de tempo e espaço. Portanto, cabe ressaltar que, segundo o autor, o virtual não se opõe ao real, nem ao material, ao contrário, o exponencia dentro do espaço físico do computador. O cerne de sua obra vincula-se as proposições acerca da nova relação que o indivíduo estabelece com o saber através do ciberespaço que acaba por amplificar, exteriorizar e modificar funções cognitivas humanas como o raciocínio, a memória e a imaginação levando, segundo alguns visionários, a mutação da espécie.

(...)A cibercultura, tanto quanto quaisquer outros tipos de cultura, são criaturas humanas. Não há uma separação entre uma forma de cultura e o ser humano. Nós somos essas culturas. Elas moldam nossa sensibilidade e nossa mente, muito especialmente as tecnologias digitais, computacionais, que são tecnologias da inteligência, conforme foi muito bem desenvolvido por Lévy e De Kerckhove. Por isso mesmo, são tecnologias autoevolutivas, pois as máquinas estão ficando cada vez mais inteligentes (SANTAELLA, 2003:30).

Segundo Santaella (2003:27-28), a cibercultura molda uma nova sensibilidade através da cultura do acesso, que corrobora e convergem todas as formas de comunicação e de cultura em um caldeamento denso e híbrido que vai desde a comunicação oral e escrita à cultura de massas e das mídias, responsável pelo nível de exacerbação da produção e circulação da informação na contemporaneidade.

A esfera educacional repercute de forma privilegiada tais transformações tecnológicas e na sua esteira a cibercultura, buscando consonância com os novos imperativos, na condução das atividades de ensino e de aprendizagem.

2 Juventude cibernativa & as novas relações com o ensino e a aprendizagem no devir da cibercultura

Postula-se a partir da relação intrínseca do jovem com a cibercultura, a necessidade da construção de narrativas diferenciadas no reconhecimento da diversidade existente no mundo contemporâneo; desde as que se constroem no silêncio e no gesto, até as poéticas e tecnológicas. Inserem-se neste novo contexto práticas docentes pautadas na interatividade e na horizontalidade das relações entre professor e aluno que ocupam neste novo modelo, papéis igualmente ativos na construção e circulação do conhecimento.

Green e Bigun (APUD FÁVERO SOBRINHO, 2002:02) estabelecem a diferença histórica entre o aluno de “ontem” com os “de hoje”. Afirmam que os alunos que estão em nossas escolas - crianças e jovens - apresentam uma “historicidade pós-moderna”, constituída por um conjunto de práticas culturais responsáveis pela produção de sujeitos com identidades e subjetividades singulares.

Para eles, o aluno de hoje é:

(...) um sujeito-estudante pós-moderno porque ele apresenta um novo tipo de subjetividade humana — uma subjetividade pós-moderna — que se caracteriza pela efetivação particular da identidade social e da agência social, corporificadas em novas formas de ser e de tornar-se humano (GREEN e BIGUN APUD FÁVERO SOBRINHO, 2002:02).

Os jovens que já nasceram sob a égide da internet, imersos numa realidade tecnológica, virtual e digital mais avançada com: celulares, telecomputadores, IPods, videogames, vídeo e televisores com alta definição em 3D, games jogados em redes sociais, entre outros, constroem sua subjetividade dentro de uma lógica diferenciada de seus pais e professores (NETO, 2010:12). Caracterizar sociologicamente tais gerações para posterior conhecimento, não significa em classificar genericamente pela categoria etária (pois existem outras categorias explicativas), contudo, conduz à análise e reflexão acerca das tendências relacionadas às “novas subjetividades” que emergem num mundo altamente tecnologizado - e quais os novos desafios contemporâneos no campo educacional.

A respeito das novas gerações, denota-se que a instabilidade e a transitoriedade difundidas de forma característica, estão inseparavelmente relacionadas a um grande número de condições pós-modernas que têm provocado um mundo com pouca segurança psicológica, econômica e intelectual. O mundo moderno, das previsibilidades, deu lugar a um planeta no qual o tempo e o espaço são condensados pela virtualidade⁵, onde crianças e jovens, sem pertencerem a algum lugar concreto, vão vivendo progressivamente esferas culturais e sociais mutáveis, marcadas por uma pluralidade de linguagens e culturas (GIROUX,1996).

Esses jovens “pós-modernos” chamados genericamente de cibernativos ou nativos digitais são oriundos do ambiente da liquidez de significados e de grande desenvolvimento tecnológico.

Assim como se utilizam excessivamente e simultaneamente dos meios tecnológicos, também ‘trocam’ de uma visão de mundo para outra de forma rápida, tal como o

⁵ Com o advento da cultura digital e sua universalização, as interações sociais e a produção de conhecimento são amplamente transformadas através da virtualidade. Em relação a este conceito, Lèvy (1996) a distingue como o “real desterritorializado”, visto que não se apresenta de forma linear/contínua, sem as coordenadas de tempo e espaço. Portanto, cabe ressaltar que, segundo o autor, o virtual não se opõe ao real, nem ao material, ao contrário, o exponencia dentro do espaço físico do computador.

funcionamento dos computadores e a navegação no espaço virtual com os *hiperlinks*.⁶ Sua comunicação se dá em rede, é contínua, realizando multitarefas, todas com ênfase no tempo ‘presente’, na perspectiva de resultados rápidos e aplicabilidade dos conteúdos escolares para a vida profissional.

Segundo Tânia Casad (APUD LOIOLA, 2010), crianças e jovens contemporâneos possuem tecnologia *wireless*, ou seja, são aptos à capacidade da convergência de mídias, à cultura não apenas interativa, mas participativa.

Sobre a “cultura de convergência” na esfera educacional, Fava explica:

(...)não deve ser compreendida apenas como um processo tecnológico dentro ou fora da sala de aula. Mais do que isso, a convergência representa uma transformação cultural, uma vez que os estudantes são incentivados a procurar e colocar novas informações nos mais diversos sistemas e fazer conexões em meio a conteúdos de informações dispersos, criando assim, a cultura participativa e não mais apenas a cultura interativa. (FAVA, 2012:08)

Dentro da perspectiva de cultura participativa na educação, postula-se uma relação horizontalizada entre professores e alunos, sendo que para o primeiro, não basta apenas conhecer as novas tecnologias, mas também entender os meios como mensagens de mudanças paradigmáticas importantes na área da educação. A cultura da convergência não elimina a figura do professor pelas novas tecnologias, mas presume que novas e antigas metodologias de ensino e aprendizagem irão interagir de forma cada vez mais complexa.

Dentro do cenário atual as novas formas de ser, pensar, saber e comunicar da juventude não se enquadram ainda a realidade escolar e a prática docente. Existe uma inabilidade premente em se lidar com as novas gerações, especificamente, devido a idealizações que perpassam a própria subjetividade e experiência do professor gerando conflitos. Tais conflitos geracionais oferecem, contudo, questionamentos importantes na esfera educacional, trazendo novos aprendizados à prática pedagógica, na ressignificação de linguagens (e discursos) com novas metodologias, projetos pedagógicos interdisciplinares,

⁶ *Hiperlinks* consistem em links que vão de uma página da Web ou arquivo para outro(a). Quando um visitante do site clica no hiperlink, o destino é aberto, executado ou mostrado em um navegador da Web, dependendo do tipo de destino. Com frequência, o destino é outra página da Web, mas pode também ser uma figura, um arquivo multimídia, um documento do Microsoft Office, um endereço de email ou um programa. Por exemplo, um hiperlink para uma página exibe essa página no navegador da Web e um hiperlink para um arquivo MID abre o arquivo em um mídia player. (fonte: Frontpage - Ajuda)

entre outros. Para que a interação entre gerações se realize sob a forma de uma coeducação, faz-se necessário que compreendamos e respeitemos as diferenças como ponto de interseção e mutação.

Considerações Finais

A presente comunicação é interface do projeto de pesquisa realizado na Universidade Estadual do Paraná-Paranaguá (em regime de TIDE e em fase inicial), no Departamento de História, intitulado: “Gerações contemporâneas, Cibercultura & as perspectivas e desafios na formação do professor de História”. Tal projeto tem como objetivo geral analisar quais são as perspectivas e os desafios educacionais na formação dos professores de História, frente a um mundo complexo relacionado às tecnologias de informação e comunicação que expressam através das gerações contemporâneas, uma nova subjetividade relacionada à pós-modernidade.

Tratamos na presente comunicação, de repensar sob a égide das mudanças paradigmáticas postuladas pela cibercultura, os novos sentidos para a educação que seja consonante às tecnologias, mas também humanista e aberta à complexidade e diversidade que os novos “meios e mensagens” nos trazem na contemporaneidade. Que do encontro entre diferentes gerações, personificadas comumente na figura do professor e do aluno haja a perspectiva da construção de novas formas de ser, sentir e pensar as práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulações**. Lisboa, Antropos, 1981.

_____, J. **A sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BELL, D. **The Cultural Contradictions Of Capitalism**. EUA, Basic Books, 2008.

BOLESINA, I; GERVASONI, T. A. **Internet, Cibercultura e pós-modernidade: primeiros nós de uma nova rede contextual**. Anais do 3o Congresso Internacional de Direito e

Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede. Santa Maria, 27 a 29 de maio de 2015. <http://www.ufsm.br/congressodireito/anais> (Acesso em 21/08/2017)

FAVA, R. **Educação 3.0: como ensinar estudantes com culturas tão diferentes**. 2 ed. Cuiabá: Carlini e Caniato Editorial, 2012.

FÁVERO SOBRINHO, A. **O aluno não é mais aquele! E agora, professor?** A transfiguração histórica dos sujeitos da educação. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

FUKUYAMA, F. **O fim da História e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GIROUX, H. **Jovens, diferença e educação pós-moderna**. In: Castells M, Flecha R, Freire P, Giroux H, Macedo M, Willis P. Novas perspectivas críticas em educação. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 1996. p.63-85.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOIOLA, R. **Geração Y**. São Paulo, 2010.

<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87165-7943-219,00-GERACAO+Y.html> (Acesso em 21/08/2017).

LYOTARD, J.F. **O Pós-Moderno**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MACLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensão do homem (understanding media: The Extensions of Man). Editora Cultrix, São Paulo, 2006.

MENDES ANDRÉ, C. **O lugar do professor na pós-modernidade**. Educação em Revista, Marília, v.9, n.2, p.37-50, jul.-dez. 2008.

NETO, E.S; FRANCO, E.S. **Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro**. Revista de Educação do COGEIME – Ano 19 – n.36 – janeiro/junho 2010.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulos, 2003.

